



# MINI-REVISTA

## MÃES QUE ESCREVEM

Maio/2019

A revista MÃes que Escrevem será lançada a cada mês com textos enviados por mulheres à nossa página no Facebook para nunca serem esquecidos, afinal, a nossa voz tem de ecoar cada vez mais longe. Quer receber o arquivo pelo WhatsApp? Solicite no:

1195348-8417.

mães que  
escrevem

“Para que serve o dia das mães?”

“Fim do termo ‘Violência Obstétrica’”

“Respeite as mulheres que não querem ter filhos”

“Mamãe, obrigada por todo o sacrifício que você fez para me criar”...  
Obrigada uma ova!”

“Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.”

**MÃES QUE ESCREVEM**

1ª Edição

[www.facebook.com/  
maesqueescrevem](http://www.facebook.com/maesqueescrevem)

[maequeescreve@gmail.com](mailto:maequeescreve@gmail.com)

## SUMÁRIO

**03** Quem somos.

**04** Para que serve o dia das mães?

**06** "Mamãe, obrigada por todo o sacrifício que você fez para me criar" Obrigada uma ova!

**08** Criança não namora.

**09** O 18 de maio, Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

**11** MMS e o desespero dos pais de autistas.

**15** Carta de repúdio ao despacho: "Fim do termo Violência Obstétrica".

**18** Como ensinar sobre racismo para nossas crianças.

**20** Já apoiou o Mões que Escrevem hoje?

**21** Expediente.

# mães que escrevem

## Quem somos?

O projeto foi criado em 2017, pensado para ajudar mães a desabafarem a descobrirem um talento, se distraírem (quando podem) e ocuparem espaços também com as palavras. Começamos como um blog e, agora, somos uma revista digital feita inteiramente por mães.

Todos os textos são escritos por mulheres que têm filhos e querem compartilhar suas vivências, relatos, experiências ou simplesmente mostrar o que escrevem. Aqui você encontra tudo sobre maternidade-real-não-romantizada, feminismo, política, cotidiano, séries e muito mais. Tudo escrito por mães.

## Escreva com a gente

O seu texto precisa ter: título, até 30 linhas, e uma pequena biografia de 2 linhas (sobre você); caso não queira que publique no seu nome, tudo bem, postamos anonimamente só avisar.

Os textos podem ser enviados pelo Whatsapp no 1195348-8417 ou no e-mail: [maequenesscreve@gmail.com](mailto:maequenesscreve@gmail.com).

## Sobre o que posso escrever?

Sobre tudo! Feminismo, política, educação, maternidade, saúde (se você for da área), educação, sexo, relacionamento, amamentação, relato de parto... absolutamente TUDO! Esse espaço é nosso.

*Joice Melo* - Editora e Fundadora do Mães que Escrevem.

## Para que serve o dia das mães? Por: Bruna Ferreira.

**M**ais um dia das mães e eu me culpando pela minha "maternidade fora do comum". Particularmente, detesto ser mãe. Se tem algo que eu detesto na vida, é ser mãe. Ter dois seres humanos dependendo de mim, da minha total atenção, de todos os meus momentos, dos meus pensamentos, da minha sanidade mental....

Sei lá, não gosto. Mas eu faço de tudo por eles e ano passado provei do que sou capaz pela saúde, paz e conforto para eles.

Quase os perdi para adoção (história muito longa que um dia eu conto) precisei entrar na justiça com advogado particular para conseguir reverter a situação. O promotor tinha pedido para que as crianças fossem tiradas

do ceio familiar biológico, ou seja, ele queria que as crianças fossem adotadas, alegando que por eu já ter declarado que não gostava da maternidade automaticamente eu era negligente com eles, bom e o pai? Nem vou falar dele.

Enfim, provei que não tinha condições financeiras, psicológicas, nem saúde física naquele momento; passei por psicólogo e psiquiatra indicados pelo juiz, fiz exames de sangue para provar que não tinha IST's e/ou usava drogas.

Provei que eu tinha um familiar que poderia ajudar, provei que o pai usava as crianças como chantagem emocional, então, consegui tirar a guarda do pai definitivamente, consegui que

meu familiar fosse tutor das crianças, consegui processar o pai deles, consegui pela justiça vaga em escolas particulares e psicólogos para crianças. Mas agora, eles moram em outro Estado e apesar de estarem bem e eu saber que estão, eu venho definhando.

Eles não falam comigo desde a viagem, sou atacada por familiares o tempo todo, familiares esses que nunca perguntaram se as crianças tinham água para beber. Agora eu sou a louca, demente, surtada, vagabunda e a vadia.

Sou culpada pelo pai das crianças não ligar nem pagar a pensão, mas eu pago a minha parte.

“

**Dia das mães para que? Para eu me culpar de não ser "mãe"?**

**Para me sentir um monstro por gostar da maternidade? Para fingir que tudo são flores enquanto eu sinto os espinhos no peito? Para ouvir de pessoas que não me conhecem que sou qualquer coisa menos mãe? Para não poder dizer no trabalho que tenho dois filhos senão eu não consigo vaga de emprego?**

Não vi os primeiros passos do meu caçula, não vi minha filha ler as primeiras palavras sozinha, não vi o dente cair, não os abracei depois daquela vacina dolorida. Para que serve mesmo o dia das mães? Para ouvir e ler: "só para quem sabe ser mãe de verdade"; e o que é ser mãe de verdade?

[Clique aqui para ler no Facebook](#)

# "Mamãe, obrigada por todo o sacrifício que você fez para me criar" Obrigada uma ova!

## Por: Miriã Isquierdo

Tem muita mãe por aí com nó na garganta, viu? Muita mãe chorando escondida; mãe sobre carregada para caralho; mãe que vive isolada com a cria 24hs por dia.

Aquele senso de comunidade de antigamente acabou, e aquelas crianças que brincavam nas ruas e frequentavam a casa dos vizinhos e parentes, agora vivem trancafiadas num apartamento de 50m<sup>2</sup> com a mãe.

Tem muita mãe que largou os estudos, a Faculdade, os sonhos. Que não conseguem mais trabalho (porque, né, mãe dá prejuízo pro

empregador) e acreditem, não é só bolsonazi que pensa isso, tem gente de todos os lados da história que deixa de雇用 mulher mãe.

Tem mulher que foi demitida no período de Licença Maternidade (no meu caso, o Raul tinha 15 dias). Tem a mãe 'empreenderora' que é aquela que se vira como dá, para botar comida dentro de casa, porque se o Estado não garante nada para essa mulher, ela tem que correr atrás e fazer um trabalho precário, sem nenhuma garantia trabalhista, daí colocam esse nome bonito aí de 'empreendedora'.



“

Tem mãe exausta de cozinhar, cuidar da casa, da ou das crias e não ter paz nem para cagar sozinha; tem mãe que até romantiza essa exaustão e tem uma pá de gente que romantiza essa exaustão!

Mamães não precisam se sacrificar e abrir mão da própria vida e perder sua subjetividade. Maternidade não é calvário, filho não é cruz, nenhuma mulher precisa carregar sozinha. Cadê trabalho digno? cadê creche pública de qualidade? cadê o pai?

Já chega de florzinha no dia das mães! Mãe é classe social, é luta por dignidade.

Aproveite esse dia das mães para oferecer teus ouvidos para essa mulher, escutar o que ela tem para dizer, suas demandas, suas dores, seus

cansaços, suas vontades e desejos. Para de achar que tudo relacionado aos filhos e a casa é responsabilidade só dela, e que ser mãe, é a única coisa que ela quer na vida.

Mães querem respeito, trabalho digno, estudo, festa, transa, vida e dignidade para amar seus filhos e cuida-los não como fardo, mas com a leveza que a divisão de tarefas e o reconhecimento podem dar.

[Clique aqui para ler no Facebook.](#)

“TIREM AS  
MÃES DA  
INVISIBILIDADE”

**"Tem namoradinha na escola, filho?"**  
**"Ah, que fofos, dá um beijinho nele, filha!"**  
**"Desde pequeno tem de aprender a ser garanhão, filho!"**



**Criança não namora!  
nem de brincadeira.**

# O 18 de maio, Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Waleska



Barbosa

**C**ostumo ouvir rádio. E música. A junção das duas coisas fez minha filha de quase nove anos, Morena, fazer uma relação que considerei bonita e importante. É coisa que a gente percebe se aprimorar a escuta quando lida com os filhos. É coisa que a gente percebe se conseguir driblar o efeito da rotina e se colocar presente de corpo e alma quando conversa com eles.

Ouvindo rádio, passou por nós a propaganda do 180, que incentiva a denúncia de casos de violência contra a mulher. “Seu silêncio pode ser fatal”, é o slogan.

Ouvindo música, muitas vezes cantei alto a letra de ‘Maria da Vila Matilde’, interpretada de forma inigualável por Elza Soares e que traz os versos: “Cadê meu celular, eu vou ligar pro um oito zero. Vou entregar teu nome, explicar

meu endereço. Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço”.

Na contramão dos sons, gosto de evocar a “Fadinha do Silêncio” quando há muito barulho lá em casa. Peço que se fale baixo para não assustá-la. Lembro que para se fazer ouvir não é preciso muita alteração no tom de voz.

E, como alguém que lida com a palavra de forma dual, fazendo dela aliada e algoz, acreditando quando Drummond diz que “lutar com palavras é a luta mais vã”, também gosto de pregar que “A palavra é de prata. O silêncio é de ouro”. Geralmente, faço isso final do dia, volta para casa, desejo de quietude.

Juntando tudo num cadiinho, passando pela via W3Norte, Morena disse: “Mãe, se o silêncio é de ouro, por que a propaganda (e apontou para um ônibus que trazia o cartaz estampado na traseira) diz que o silêncio pode ser fatal?”

Infelizmente, para sua pouca idade, ela já entendeu que existe violência contra a mulher. Que existe violência, inclusive sexual, contra crianças. Sabe também que as pessoas, sobretudo negras, foram escravizadas. Sabe, ainda, existe o racismo, crime sob o qual identifica situações que passo ou que passamos quando estamos (ou por estarmos) juntas.

Eu escutei. Paralisei por um tempo. Vi a grandeza da pergunta. Da conexão. Minha responsabilidade naquela resposta. E tentei discorrer sobre tipos de silêncios. Um era para aquietar. Servia à contemplação, à solitude, ao entendimento de nós mesmos. Outro, podia ser também chamado omissão, quando alguém silenciava só para não ter o trabalho de intervir em algo que pedia uma intervenção, um posicionamento, uma consciência da coisa certa a se fazer.

E ela, atenta, completou: E tem aquele que a gente pode fazer com coisas que acontecem com a gente, mas que devemos contar a alguém para pedir ajuda.

O 18 de maio, Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças

e Adolescentes, vem aí. Que tenhamos a coragem de ensinar aos nossos filhos sobre silêncios que eles não devem manter. E de tomar a lição para nós. Mulheres. Mães.

Sem mais nada a declarar, encerro esse texto.

[Clique aqui para ler no Facebook.](#)

“ ”

**Não sou ‘guerreira’, sou sobrecarregada. Não romantize meu cansaço!**

# MMS e o desespero dos pais de autistas

## Por: Lily Sagi

Recentemente recebi um vídeo (link do vídeo se quiser postar: <https://www.youtube.com/watch?v=LBuwGpOVjHc>) falando sobre uma solução tóxica conhecida como MMS (Mineral Miracle Solution ou Solução Mineral Milagrosa) que é vendida como uma cura milagrosa para o autismo.

Com Dióxido de Cloro em sua composição, o MMS tem ação alvejante e pode trazer diversos riscos à saúde da pessoa que fizer uso da

substância e até mesmo a morte.

O produto é proibido pela Anvisa, mas mesmo assim existem relatos de pessoas que conseguem comprar tranquilamente o MMS e muitos pais estão ministrando em seus filhos com a esperança de que o diagnóstico mude e eles possam ter uma vida "normal" com essa cura milagrosa.

Os próprios vendedores afirmam que o gosto é ruim e o cheiro é forte e, portanto,

indicam que a dose seja ministrada por enema (via anal) caso a criança se recuse a beber a solução. O resultado é a descamação das paredes do intestino que os seguidores afirmam que são "vermes causadores do autismo saindo do corpo". É uma prática muito nociva e extremamente perigosa.

Daí você pergunta:

"Mas por que os pais dão tal coisa para os filhos sabendo do risco que eles correm?"

A resposta é simples, até clichê:

Desespero e falta de informação.

Quando eu recebi o diagnóstico de autismo da minha criança, eu fui uma pessoa privilegiada. Eu não tive a fase da negação (na verdade eu já esperava pelas minhas observações), eu me dispus a pesquisar sobre, passei meses lendo, vendo vídeos e aulas de pessoas dispostas a disseminar as informações corretas como o Dr Clay Brites da Neurosaber

(muito bom para todos conhecerem), passei a ler artigos médicos pesquisando todos os termos que eu não sabia, cheguei a fazer empréstimo para pagar R\$ 3.000,00 para consultar o dito "melhor especialista da cidade", tive a sorte de encontrar uma psicóloga para mim e para minha criança e um psiquiatra que até hoje estão dispostos a debater sobre o autismo e outras deficiências comigo e hoje faço pós graduação online de Intervenção ABA para Autismo e Deficiência Intelectual.

Mas eu tive acesso. Eu tive o privilégio do acesso à informação e felizmente não tive a fase de desespero e negação. Mas minha família não. Eles ficaram perdidos e eu pude presenciar dentro de casa a busca da cura milagrosa, além de começar a acompanhar outras famílias e ver o desespero perante os meus olhos. Tudo causado pela falta de informação.

Por mais que o mesmo acesso à internet leve tanto para a compra do MMS e o alerta aos riscos, quando uma pessoa está desesperada pela cura de algo que ainda não tem cura (sequer tem uma explicação sólida), é óbvio que o desespero leva a caminhos que nem sempre são seguros.

Se não fosse assim não estaríamos sofrendo o efeito rebanho com a volta de doenças erradicadas no passado por conta de uma grande quantidade de antivax que acreditam realmente que vacinas causam autismo. O autismo se tornou "o mal do século" na boca de algumas pessoas, mas ele não é. Ele sempre esteve aí, só agora que começamos a falar mais abertamente sobre isso.

Em 4 anos de busca por diagnóstico, tratamento e informações, encontrei também profissionais despreparados, muitos que não estão sequer com vontade de explicar o autismo para pais que não tiveram a

oportunidade de estudar. Profissionais despreparados tanto para lidar com o autista quanto com as famílias. E isso só aumenta o preconceito dos próprios familiares como de uma população inteira.

Pessoalmente, como eu disse, encontrei pessoas em casa querendo curar o autismo. Levaram para benzer, quiseram alterar dieta, levamos em homeopatia, me formei como terapeuta floral, tentamos de tudo (eu para melhorar a qualidade de vida, meus familiares em busca de uma cura). Nesse meio tempo tive que ouvir de pessoas "espiritualizadas" que é encosto da mãe (ai, a mãe, sempre com culpa, até quando tem encosto), já ouvi sobre fazer um tratamento para "tirar os metais pesados das vacinas", já ouvi várias barbaridades. Até que, quando comecei a mostrar os artigos e eles começaram a estudar comigo, finalmente este ano eles entenderam que nenhum dos CID's apresentados tem cura e, após

esse "período de luto" finalmente se juntaram a mim no período de luta. Mas foi uma situação bem complexa.

A informação hoje não está clara o suficiente. Não está disponível com uma leitura fácil. A psicofobia também não ajuda em nada e os familiares ficam cada vez mais assustados como se aquilo fosse uma sentença garantindo o fim da vida dos seus filhos. Não é o fim da vida, é o começo de uma vida diferente da que você esperava.

Não vou romantizar com textos melosos.



“

## Maternidade atípica

é muito dolorida. Ela tem o peso da maternidade normal acrescido do peso de criar uma pessoa atípica, onde muitas coisas necessárias como tratamentos, remédios, diagnóstico, não dependem da mãe, nem da criação nem de nada, mas de um trabalho em equipe com todas as pessoas presentes na vida da criança (e do adulto) de forma que tudo funcione como uma engrenagem e nem todo mundo tem vontade de fazer esse trabalho.

Não é nenhum pouco fácil, o número de mães e pais que sofrem com depressão e ansiedade é muito maior quando se tem filhos atípicos, os grupos sobre deficiências estão lotados de pais pensando até em suicídio (e damos todo o apoio para que a pessoa fique bem, desde dar palavras de apoio até indicar médicos e tem até quem ofereça tratamento gratuito para algumas pessoas). E é esse desespero que faz com que o MMS seja tão vendido assim.

É importante que prestemos atenção aos sinais de intoxicação de uma criança autista. Essa criança pode estar sofrendo com a "dieta" do MMS e muitos textos estão alertando profissionais da saúde para que eles possam intervir o mais rápido possível

para salvar essas crianças. Infelizmente não há como controlar isso e o método mais eficaz de combater esse tipo de riscos é disseminar a informação da forma mais simples e ampla possível.

Explicar o autismo e quaisquer outras deficiências e transtornos mentais de forma que desde o

Doutor até a "tia do lanche" que não teve oportunidade de estudar entendam e possam agir de forma correta com os autistas.

A informação é a única forma de combater esses riscos.

[Clique aqui para ler no Facebook.](#)



## Carta de repúdio ao despacho: "Fim do termo Violência Obstétrica"

Por: Joice Melo.

Foi emitido pelo Ministério da Saúde, um despacho, que apresenta o termo "Violência Obstétrica" como inaqueado e que fere a conduta médica. Segundo o texto: "Percebe-se, desta forma, a impropriedade da expressão "violência obstétrica" no atendimento à mulher, pois acredita-se que, tanto o profissional de saúde quanto os de outras áreas, não tem a intencionalidade de prejudicar ou causar dano."

Mais uma vez, o atual governo deu as costas às gestantes que sofrem no País, principalmente as que não tem condições e vivem, descaradamente, violência por médicos despreparados, trazendo sequelas para a puérpera e o recém-nascido.

No despacho é complementado: "Pelos motivos explicitados, ressalta-se que a expressão "violência obstétrica" não agrega valor e, portanto, estratégias têm sido fortalecidas para a abolição do seu uso com foco na ética e na produção de cuidados em saúde qualificada. Ratifica-se, assim, o compromisso de as normativas deste Ministério pautarem-se nessa orientação.". Ou seja, em vez do Ministério da Saúde apurar casos de denúncias, colocar o parto humanizado como pauta, principalmente na periferia, ações como "tirar uma expressão", parece ser, de alguma forma, um tipo de solução que é totalmente inútil, visto que as violências, continuaram, com nome, ou não.

Há tempos atrás foi colocado aqui na página alguns tipos de violência que mulheres sofrem no momento do parto, elas são:

“Episiotomia” - é uma incisão efetuada na região do períneo (área muscular entre a vagina e o ânus) para ampliar o canal de parto.

“Ponto do Marido?” - é um ponto que se faz ao término da sutura de uma Episiotomia, onde se ‘aperta’ a entrada da vagina, com o intuito de torná-la mais estreita, teoricamente aumentando a satisfação sexual do marido.

“Manobra de Kristeller” - consiste em pressionar a parte superior do útero para facilitar

(e acelerar) a saída do bebê, o que pode causar lesões graves, como deslocamento de placenta, fratura de costelas e traumas encefálicos.

Além disso, é caracterizado violência, os atos:

- Tratamento humilhante;
- Agressões verbais;
- Recusa de atendimento;
- Privação de acompanhante;
- Realização de intervenções e procedimentos médicos não necessários.

Ou seja, tudo o que é feito com o corpo de uma mulher sem seu consentimento e que traz risco para a gestante e a criança, são SIM Violência Obstétrica.

**21**

Precisávamos de monitoramento, de apoio, precisávamos do Ministério da Saúde ao lado das puérpera lançando programas de incentivo a partos humanizados e não dando razão para médicos praticarem manobras que podem ser fatais para as mulheres!



[Clique aqui para ler no Facebook.](#)

Nós repudiamos qualquer iniciativa do governo que fira mulheres e crianças e não vamos nos calar.



**Relato:** Minha filha nunca teve o cabelo cortado, a vida toda eu dizia que ela escolheria o que fazer com o

cabelo, afinal eu fui obrigada a alisar meu cabelo desde muito nova.

Cabelo super cacheado, armado, lindo.

No abrigo, cortaram o cabelo dela dias antes da última audiência.

O motivo foi "evitar piolhos," mas ela nunca teve piolhos e ninguém perguntou a ela ou a mim sobre esse corte.

Aí eu disse a ela: "não deixe ninguém cortar ou alisar seu cabelo sem que você queira e deixe. Não deixa ninguém passar por cima da sua vontade"

Essa semana, eu soube que uma menina ameaçou cortar o cabelo da minha filha se ela o usasse solto de novo, com medo e sem defesa (pois a professora levou na brincadeira), minha filha cortou o cabelo da menina.

Mas só minha filha foi punida e, mais uma vez, ninguém respeitou a voz dela; não

ouviram ela pedir ajuda, não viram ela com medo, depois que ela se defendeu, todos a julgaram como a errada, como a criança mal-educada, a revoltadinho.

A cor da criança que ameaçou? Branca.

A cor da criança revoltada? Negra.

**“Vocês precisam urgentemente ouvirem as crianças negras, elas não são revoltadas, elas estão pedindo ajuda do jeito delas.”**

## Expediente

### Edição 1 – Mães que Escrevem

#### Textos:

Bruna Ferreira de Oliveira; Miriã Isquierdo; Waleska Barbosa; Joice Melo; Lily Sagi.

Capa | Diagramação | Revisão | Arte: Joice Melo

Mães que Escrevem é uma revista digital cujo objetivo é dar um espaço para mulheres que já tem voz, possam fazer ela ecoar cada vez mais longe. Todas as mulheres (que são Mães) e quiserem colaborar, basta entrar em contato.

## Contatos

[maequeescreve@gmail.com](mailto:maequeescreve@gmail.com)

[facebook.com/maesqueescrevem](https://www.facebook.com/maesqueescrevem)

[twitter.com/MaesQueEscrevem](https://twitter.com/MaesQueEscrevem)

[instagram.com/blog\\_maes\\_que\\_escrevem](https://www.instagram.com/blog_maes_que_escrevem)

11 95348-8417 (Whatsapp)